

Introdução

Por Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho,¹ São Paulo

A coletânea – “La preuve & autres textes” (A prova e outros textos) – reúne os artigos avulsos de Bion escritos entre 1976 e 1979. Vazados em estilo ensaístico, eles possuem um marcado sentido de oralidade, soando como transcrições das inúmeras palestras que ele proferia na época. Questões como a turbulência emocional, a multiplicidade de vértices, a cesura e a evidência em lastrear as interpretações psicanalíticas (ou, na tradução francesa, “a prova”) são tratadas através de conjecturas imaginativas emanadas da clínica.

O texto ora traduzido, “Bion, epistemólogo”, foi encomendado como posfácio a Pierre-Henri Castel, psicanalista de formação lacaniana e pesquisador no “Instituto de História e de Filosofia das Ciências e das Tecnologias”. Nele, Castel tenta estabelecer a profunda unidade e coerência da obra de W. R. Bion, explicitando sistematicamente as fontes filosóficas e epistemológicas que a nutrem.

Segundo ele, o pensamento de Bion remete menos a uma psicologia empírica, que imporia suas normas à psicanálise de fora para dentro, e mais ao modelo da matemática, que engendra novos objetos a partir de seu interior, através do desdobramento intuitivo e construtivo de suas premissas.

Sua intenção, nesse posfácio, foi tentar ajudar o interessado na obra de Bion a reconhecer a continuidade entre o período dito “epistemológico” (Learning from Experience, Elements of Psychoanalysis, Transformations), iniciado em 1962 e encerrado em 1965, e o último período, conhecido como “místico” (que teve início em 1970 com Attention and Interpretation e culminou em 1977 com a trilogia A Memoir of the Future).

Com fôlego invejável, ele procura rastrear a articulação bioniana entre o crescimento do aparelho para pensar os pensamentos, a pulsão epistemológica, a intuição ligada ao “ato de fé”, a generatividade intrínseca dos “elementos de psicanálise” e, finalmente, a relação última “O” com o real imanente da experiência. Mais especificamente, a partir do interior de sua própria epistemologia, ele tenta entender os motivos que levaram Bion a transcender a Grade, para pensar a cesura, a turbulência emocional, as evidências sobre a realidade psíquica e os vestígios da vida psíquica pré-natal. E, como fecho, ele enfoca aquilo que poderíamos chamar de “linguagem performática” de Bion, ou seja, sua relação joyceana com a linguagem e com a escrita autobiográfica e ficcional.

Ao mesmo tempo, com grande sinceridade, ele confessa seu conhecimento limitado sobre o esquema diretor de Uma memória do futuro, bem como das autobiografias póstumas (o que foi feito por Meg Harris Williams no artigo

“Underlying patterns in Bion’s A Memoir of the Future”, de 1985, e nos livros Aesthetic Development, de 2011, e Bion’s Dream, de 2011), mas intui que ali podemos reconhecer a lógica rigorosa que rege o crescimento do aparelho para pensar os pensamentos do próprio Bion.

Em relação aos últimos artigos de Bion, ele chama nossa atenção para seu caráter revelador do contato entre finito e infinito, o circunscrito e o ilimitado, o racional e o delirante, a saúde psíquica e a loucura. Seu instrumento princeps teria sido um uso “científico-delirante do intuicionismo” inspirado em Poincaré e que o conduziu ao paradoxo cognitivo da teologia mística, o da obtenção do conhecimento a partir do não-saber. Não se trataria aqui de um mero salto empático no amorfismo, mas, sim, de uma forma pós-moderna de “sentimento oceânico”.

Castel disseca para nós o manancial que a “Formulação sobre os dois princípios do suceder mental”, de Freud, acabou tendo para a metapsicologia bioniana, em especial a permanência de partes do princípio do prazer mesmo após a implantação do princípio de realidade. Além do mais, foi apoiando-se na série de mecanismos elencados por Freud, para adaptar o aparelho psíquico à realidade da ação que Bion teria concebido o eixo horizontal da Grade, aquele em que tabulamos os usos possíveis dos estágios de pensamento distribuídos no eixo vertical: em suma, a original articulação operativa entre as posições kleinianas e as etapas freudianas.

Em várias passagens nos surpreendemos como a densidade conceitual francesa (explicitada sempre através de longos períodos) se rende ao empirismo inglês: é o caso, por exemplo, da admiração pela sugestão de Bion de que a “cura” possível não opera via reconstituição do aparelho psíquico, mas, sim, habilitando-o a melhorar sua capacidade de suportar sofrimentos ou habilitando-o a pensar/conhecer seus pensamentos psicóticos. Ou então quando os elementos- β são descritos como “agentes alfandegários” encarregados de compatibilizar as restrições internas do princípio do prazer com as demandas externas do princípio de realidade.

Apesar de seu rigor metodológico, este magnífico posfácio nos brinda com formulações expressivas de caráter poético, como quando correlaciona a “potência da perda” de Lacan, ou a “capacidade negativa” de Keats, à “riqueza dolorosa e formadora do desejo situada à montante do atuar” ou então quando sugere que “a escrita analítica é a percepção estética das ‘nuvens’ associativas que se elevam acima do divã”.

Apoiados na epistemologia de Cantor, somos levados a acreditar que a diagonalização implícita na Grade, ou seja, a evolução de A1 até F6, é que nos permite “pensar o infinito aqui e agora”, portanto, “ser Deus”. Não acredito que Bion tenha se valido explicitamente das análises lógico-matemáticas sugeridas por Castel, mas isto não invalida suas implicações para aqueles possuidores desse background epistemológico (infelizmente, não é o meu caso).

A conclusão de Castel é que a uni-fic-ação (at-one-ment) com “O” é um pensamento que se lança além do Deus da religião em busca da “potência”, que nos permita intuir nossa origem real, sem desfalecer de terror. Foi isto, talvez, que o próprio Bion vivenciou em 8 de agosto de 1918, quando, em meio à carcaça de seu tanque enlameado e rodeado pelos cadáveres de seus camaradas, sentiu que sua alma acabara de morrer, mas que seu corpo se tornara eterno.

Em função da enorme importância histórica que a obra de Bion continua tendo no quadro formativo do Instituto da SBPSP, pareceu-nos oportuno traduzir o ensaio de J. O. Wisdom “A metapsicologia passados quarenta anos”, artigo publicado originalmente em 1981 e cuja tradução saiu no Jornal de Psicanálise, vol. 46 (84), de 2013. Sugerimos, então, a publicação deste posfácio de Castel, por entendê-lo um excelente contraponto ao trabalho de Wisdom e, também, por ser uma radiografia do DNA da SBPSP ao expor, de forma brilhante, a linhagem Freud-Klein-Bion.

Bion, epistemólogo²

Pierre-Henri Castel, Paris

A psicanálise ... não é uma ciência. Ela não tem estatuto de ciência, e só lhe resta aguardá-lo, esperá-lo. Mas é um delírio em que se espera que comporte uma ciência. É um delírio em que se espera que ela se torne científica. Pode-se esperar longamente. Pode-se esperar longamente e eu digo por que, simplesmente porque não há progresso e porque isso que se espera, não é forçosamente aquilo que se obtém. É um delírio científico, então, e se espera que comporte uma ciência, mas isso não quer dizer que alguma vez a prática analítica comportará essa ciência.

Jacques Lacan ([1977]1998, p. 52)

Como vamos suportar semelhante ataque a nossa mentalidade?

Donald Meltzer ([1978]1994, p. 71)

A obra de Bion ainda é pouco apreciada na França, apesar dos trabalhos de alguns corajosos divulgadores. E, no entanto, nesse ensaio que segue, não me proponho de forma alguma resumir os vários comentários que ela suscitou nem fornecer uma introdução global à obra de Bion, que certamente já existem, e excelentes. Não, o exercício aqui será um pouco diferente. Porque, para Bion,

2 Éditions d’Ithaque é a editora francesa da coletânea. O título francês, *La Preuve et autres textes*, não é de Bion, ele foi escolhido por Ana de Staal, da Ithaque, e Francesca Bion.